

Assustando criancinhas

Zé do Caixão não é mais aquele.

Trocou os filmes de terror pelo Playcenter

São Paulo — Ariovaldo dos Santos

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — Zé do Caixão, o excêntrico cineasta paulistano José Mojica Marins, acaba de trocar a obsessão pelos cemitérios pelo maior parque de diversões do Brasil — o Playcenter, em São Paulo. Depois de imprimir a sua marca terrorífica em mais de 80 filmes, Mojica, aos 60 anos, prepara-se para comandar, durante um mês, a partir da primeira sexta-feira de agosto, a maior sessão de horror e bruxarias já presenciada por nossas criancinhas: com um orçamento superior a Cz\$ 60 milhões, ele vai espalhar pelos 220 mil metros quadrados do parque, medusas medonhas com olhos de raio laser, homens sem cabeças e toda uma coleção de apavorantes criaturas.

“Será uma espécie de filme ao vivo com efeitos especiais”, antecipa o cineasta. Cerca de cem pessoas estão envolvidas nessa sua nova empreitada, entre artistas e equipe técnica, responsáveis pelos efeitos sonoros — gritos, trovoadas e ventos uivantes que vão acompanhar a inesperada aparição dos personagens entre as filas da pipoca ou da montanha russa. Os monstros pretendem invadir até os brinquedos mais inofensivos e provocar sustos e arrepios em qualquer canto do Playcenter. O espetáculo terminará, não por acaso, à meia-noite, com uma procissão rumo a uma missa negra, da qual tomará parte o próprio Zé do Caixão — que, por sinal, apareceu pela primeira vez, no filme *A meia-noite levarei sua alma*, em 1963.

As crianças, no entanto, não precisam temer. Para quem não sabe, elas são as únicas pessoas por quem Zé do Caixão tem respeito. Em suas andanças pelos ambientes mórbidos, ele espera encontrar um dia uma mulher superior que lhe dê um filho perfeito. Além disso, a sessão será proibida para menores de 14 anos. O que talvez seja um exagero, porque, como observa o próprio Mojica, garotos de dez anos estão cansados de fazer cócegas nas múmias e vampiros da Casa do Espanto do Playcenter.



José Mojica Marins agora come algodão-doce em parque de diversões

Livre de um sério problema na pálpebra esquerda, que o obrigou a diminuir o ritmo de trabalho a partir de 1982, José Mojica Marins volta com muitos planos. Para identificar a origem dessas dores no olho, ele freqüentou terrenos de macumba e recorreu a padres milagrosos. Mas o que realmente o ajudou foi a douta ciência: o médico Ednei Graciano do Nascimento descobriu e retirou um estilhaço de vidro de sua pálpebra, ali enterrado desde um acidente de carro, há seis anos. Mojica sofreu também, mais recentemente, com a atrofia de suas enormes unhas, que durante 21 anos não haviam sido

cortadas. Ele, agora, conserva apenas comprida a “garra” do polegar direito, com sete centímetros, e para as filmagens reutiliza as unhas originais, zelosamente guardadas em sua modesta casa, no bairro do Ipiranga.

Com as forças restauradas, Mojica se prepara ainda para começar, em setembro, as filmagens de *Encarnações de Lúcifer*. Na próxima terça-feira, segue ao Rio, onde o seu Zé do Caixão participará da gravação de uma cena da novela *Olho por olho*, da Rede Manchete.

Morando com a quinta mulher, Nelci,

de 38 anos, também sua diretora de dublagem, e com dois de seus 12 filhos — duas garotas, de sete e onze anos —, Mojica sonha estar vivo no final do século para “ver confirmadas as profecias de Nostradamus”. Signo de Peixes — “o meu lado poeta” —, não pensa em retomar a política, desde que perdeu, em 1982, as eleições para deputado federal, pelo PTB. “Só perdi porque não consideraram o voto em nome do Zé do Caixão”, reclama até hoje o extravagante cineasta, para quem o monstro mais atemorizador, nos últimos tempos, é esse que se chama “inflação”.